



O CORAÇÃO DE
MARIA, CORAÇÃO
DA IGREJA

ESCUTA OBEDIENTE, COMUNHÃO COM CRISTO E SERVIÇO FECUNDO AO MUNDO

◆ Pe. Antonio Carlos Ferreira, cmf* ◆

A Igreja não pode ser compreendida apenas como uma instituição organizada ou como um conjunto de estruturas pastorais. Ela é, antes de tudo, um mistério de comunhão, um corpo vivo animado pelo Espírito Santo. Essa comunhão tem sua origem na Trindade e se manifesta historicamente na vida do povo de Deus.

Se Cristo é a cabeça desse corpo, Maria pode ser contemplada, por analogia teológica, como o coração da Igreja. São João Paulo II recorda que Maria “precede” a Igreja no caminho da fé e da santidade. Nela, a Igreja reconhece o modo mais pleno de responder à iniciativa divina.

Na Sagrada Escritura, o coração é o centro da pessoa, lugar da escuta, da decisão e do amor. Contemplar o coração de Maria é, portanto, contemplar a forma interior da vida cristã, aquilo que a Igreja é chamada a viver em todas as épocas.

O Concílio Vaticano II afirma explicitamente que Maria é imagem, modelo e mãe da Igreja. O que Deus realizou no coração de Maria revela o que deseja realizar no coração da Igreja e de cada fiel.

Na antropologia bíblica, o coração não se reduz ao campo dos sentimentos, mas designa o centro da pessoa, onde se unem inteligência, vontade, memória e abertura a Deus. É no coração que o ser humano escuta e decide, acolhe ou rejeita a Palavra divina, orientando toda a sua existência, por isso, a Escritura associa o drama do pecado ao endurecimento do coração, entendido como resistência interior à ação de Deus. O profeta Jeremias aprofunda essa visão ao afirmar que o coração humano, ferido pelo pecado, é ambíguo e necessita de redenção.

Ao longo da história da salvação, Deus revela-se como aquele que deseja transformar o coração do seu povo. A infidelidade de Israel não é apresentada apenas como desobediência externa à lei, mas como ruptura interior da aliança, por isso, os profetas anunciam uma salvação que atinge o núcleo da pessoa. Entre essas promessas, destaca-se a palavra de Ezequiel: “Eu vos darei um coração novo e em vós porei um espírito novo; tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne” (36,36). A imagem expressa a passagem de uma existência fechada e autossuficiente para uma vida sensível, dócil e aberta à escuta do amor de Deus.

Essa promessa encontra sua realização plena no mistério da encarnação. Em Maria, o coração humano torna-se totalmente disponível à ação do Espírito Santo. Seu “sim” não é apenas um gesto pontual, mas uma atitude permanente de fé, escuta e obediência interior. O Evangelho de Lucas destaca essa dimensão ao afirmar que Maria “guardava todas essas coisas, meditando-as em seu coração” (2,19), revelando um coração que acolhe a Palavra, discerne os acontecimentos e permanece fiel mesmo quando não compreende plenamente os desígnios de Deus.

A tradição da Igreja reconhece em Maria a arca da nova aliança: assim como a antiga arca continha as tábuas da lei, Maria acolhe em seu seio a própria Palavra viva de Deus, o Verbo feito carne. Nesse horizonte, o coração de Maria adquire profundo significado teológico e eclesial, pois manifesta aquilo que Deus deseja realizar em toda a humanidade redimida: um coração novo, plenamente aberto à graça. Como afirma Hans Urs von Balthasar, o princípio mariano na Igreja expressa essa atitude fundamental de acolhida e disponibilidade, na qual a Igreja se reconhece como esposa e serva da Palavra. Ao contemplar o coração de Maria, a Igreja reconhece sua própria vocação mais profunda: ser totalmente de Deus para a vida do mundo.

Maria não é apenas a mãe biológica de Jesus, mas a primeira crente da nova aliança. Antes de gerar Cristo em seu ventre, ela o acolheu pela fé em seu coração. Santo Agostinho expressa essa verdade de modo luminoso ao afirmar que Maria “concebeu primeiro no coração e depois no ventre”. Sua maternidade é, portanto, essencialmente

não há resistência à vontade divina. Seu “*fiat*” revela um coração unificado, dócil e totalmente disponível à ação do Espírito Santo, assim, Maria torna-se o lugar onde a antiga promessa se cumpre e onde a aliança nova e eterna encontra sua primeira realização concreta na história.

Esse dado é essencial para compreender Maria como modelo da Igreja. O Concílio Vaticano II afirma que aquilo que nela aconteceu de modo singular deve realizar-se na Igreja de modo espiritual e sacramental. Como Maria, a Igreja é chamada a escutar a Palavra, acolher Cristo e deixá-lo tomar forma em seu interior, para depois oferecê-lo ao mundo. A maternidade eclesial nasce da fé vivida, da comunhão com Cristo e da docilidade ao Espírito.

A Igreja existe, portanto, para acolher Cristo, gerá-lo na história e torná-lo presente à humanidade. Sempre que se afasta desse movimento interior de fé e entrega, corre o risco de perder sua identidade missionária. O Papa Francisco recorda que a evangelização autêntica nasce de uma Igreja que se deixa transformar pelo Evangelho que anuncia. À luz do coração de Maria, a Igreja redescobre sua vocação mais profunda: ser espaço vivo da nova aliança, onde Cristo continua a nascer para a vida do mundo.

O Evangelho de Lucas apresenta Maria como a mulher da escuta interior, aquela que acolhe os acontecimentos à luz da Palavra de Deus: “Maria conservava todas essas palavras, meditando-as no seu coração” (2,19). A atitude de guardar e meditar indica um coração atento, capaz de escutar para além da superfície dos fatos. Maria não reage impulsivamente, nem busca compreender tudo de imediato; ela acolhe, reflete e confia. Sua escuta não é passiva, mas profundamente ativa, pois envolve a totalidade da pessoa e orienta suas escolhas.

Na economia da fé cristã, a escuta precede a ação. Bento XVI recorda que “No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa”, encontro que se dá pela escuta da Palavra. Maria ensina à Igreja que não existe fecundidade pastoral sem uma escuta profunda e orante. Toda ação missionária que não brota da escuta corre o risco de se tornar ativismo estéril, desconectado da vontade de Deus.

O “*fiat*” de Maria – “Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” – revela o ápice dessa escuta obediente. Não se trata de resignação nem de submissão cega, mas de uma adesão livre, consciente e amorosa ao projeto divino. O *Catecismo da Igreja Católica* afirma que, ao pronunciar seu “sim”, Maria se entrega totalmente à pessoa e à obra do Filho, movida pela fé e pela confiança absoluta em Deus. Sua obediência nasce do amor e se traduz em disponibilidade permanente.

Essa espiritualidade da escuta possui uma clara dimensão eclesial. Uma Igreja inspirada no coração de Maria



Imagem: A Mãe de Deus Treinosa (séculos XVI-XVIII). Museu Nacional da Sérvia. / commons.wikimedia.org

espiritual, nascida da escuta da Palavra e da adesão livre ao projeto de Deus. Nesse sentido, Maria inaugura a nova forma de pertença ao povo de Deus, fundada não na carne, mas na fé.

O coração de Maria é o primeiro espaço humano plenamente aberto à nova aliança. Diferentemente do coração endurecido frequentemente denunciado pelos profetas, nela

reconhece-se discípula antes de ser mestra, em constante atitude de discernimento e docilidade ao Espírito Santo. O Concílio de Jerusalém exprime essa dinâmica ao afirmar que “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós”, indicando que as decisões da Igreja brotam da escuta comunitária da Palavra e da ação do Espírito. Assim, a Igreja mariana é chamada a ouvir antes de falar, a discernir antes de agir e a deixar-se conduzir pelo Espírito, para que sua missão seja verdadeiramente fecunda e fiel ao Evangelho.

A comunhão de Maria com Cristo constitui o eixo central de toda a sua existência. Desde a anunciação até sua presença fiel junto à cruz e no seio da Igreja nascente, Maria vive uma união progressiva, profunda e obediente ao mistério do Filho. Essa comunhão é essencialmente teologal, pois envolve a escuta da Palavra, a adesão da fé e a conformação interior à vontade de Deus. O coração de Maria torna-se, assim, o espaço humano onde a comunhão com Cristo alcança sua expressão mais plena, fruto de uma fé vivida concretamente no cotidiano da história.

O episódio das bodas de Caná revela de modo exemplar essa espiritualidade mariana. Atenta à necessidade concreta – a falta de vinho –, Maria a apresenta a Jesus com confiança silenciosa e, ao mesmo tempo, dirige aos servos uma palavra que ultrapassa o contexto imediato: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Nessa atitude, manifesta-se sua missão na economia da salvação: Maria nunca ocupa o centro nem substitui o Filho, mas conduz sempre a Cristo, única fonte da vida nova.

Do ponto de vista teológico, Caná ilumina o papel mediador de Maria, compreendido como participação subordinada e totalmente orientada à mediação única de Cristo. Sua intervenção antecipa simbolicamente a “hora” de Jesus e indica que sua

presença materna acompanha e sustenta a missão do Filho. A comunhão entre Maria e Cristo torna-se, assim, modelo da relação entre a Igreja e seu Senhor, marcada pela confiança, pela obediência da fé e pela abertura à ação transformadora de Deus.

A tradição espiritual da Igreja reconheceu nesse dinamismo mariano um caminho seguro de discipulado. São Luís Maria Grignion de Montfort afirma que a verdadeira devoção a Maria é essencialmente cristicêntrica, pois “toda a perfeição consiste em sermos conformes, unidos e consagrados a Jesus Cristo”. Para a Igreja e para cada cristão, o coração mariano em comunhão com Cristo é escola de fé autêntica: quanto mais o coração se une a Maria, mais profundamente é conduzido a Cristo. Assim, a comunhão mariana revela-se não como desvio, mas como caminho privilegiado para viver o Evangelho em sua radicalidade, fidelidade e beleza.

São João Paulo II, na Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, apresenta Maria como “mulher eucarística”, pois toda a sua vida foi marcada por uma profunda união com o mistério do corpo entregue e do sangue derramado de Cristo. Embora não tenha participado sacramentalmente da última ceia, Maria viveu de modo existencial aquilo que a Eucaristia significa em sua essência: oferta, comunhão e entrega total. Seu “*fiat*”, pronunciado na anunciação, já contém em germe a lógica eucarística do dom de si, que alcançará sua plenitude no sacrifício da cruz.

A maternidade de Maria está intimamente ligada ao mistério eucarístico, pois foi em seu seio que o Verbo assumiu a carne destinada a ser entregue pela salvação do mundo. O corpo de Cristo, presente sacramentalmente na Eucaristia, é o mesmo corpo recebido de Maria, por isso, a comunhão eucarística remete, de modo indireto mas real, à fé, à disponibilidade e à obediência da Virgem. Maria ensina



à Igreja que a Eucaristia não é apenas um rito a ser celebrado, mas um mistério a ser acolhido com fé profunda, reverência e atitude interior de oferta.

Ao pé da cruz, Maria vive o ápice de sua espiritualidade eucarística. Ali, ela contempla o corpo entregue e o sangue derramado, antecipados sacramentalmente na última ceia. Sua presença silenciosa e fiel manifesta uma participação interior no sacrifício redentor do Filho. Nessa perspectiva, a Eucaristia aparece como memorial vivo da Páscoa de Cristo e Maria, como aquela que ensina a Igreja a unir inseparavelmente a celebração litúrgica à oferta concreta da própria vida.

A Igreja aprende com o coração de Maria a viver a Eucaristia como fonte de comunhão e missão. Assim como Maria permaneceu unida a Cristo e aos discípulos, especialmente no Cenáculo, a Eucaristia edifica a unidade do corpo de Cristo e gera vínculos de fraternidade entre os fiéis. Vivida à escola de Maria, a comunhão eucarística exige um coração reconciliado, aberto ao outro e disponível ao serviço. Desse modo, a verdadeira adoração prolonga-se na caridade concreta e no compromisso com os mais frágeis, pois quem se alimenta do pão da vida é enviado a tornar-se pão repartido para o mundo.

A profecia de Simeão, pronunciada no templo por ocasião da apresentação de Jesus, ilumina antecipadamente o itinerário espiritual de Maria: “E uma espada transpassará a tua alma” (Lc 2,35). Essa palavra revela que a vocação mariana não está dissociada do sofrimento, mas integrada ao mistério da redenção. Desde o início, Maria é associada ao destino do Filho e sua maternidade se desenvolve sob o sinal da fé provada e amadurecida na dor.

No Calvário, essa profecia atinge seu cumprimento pleno. O Evangelho de João afirma com sobriedade e profundidade: “Junto à cruz de Jesus

estava de pé sua mãe” (Jo 19,25). O verbo “estar de pé” possui forte densidade teológica. Ele expressa não apenas presença física, mas atitude interior de firmeza, fidelidade e esperança. Maria não foge do escândalo da cruz nem se entrega ao desespero; ela permanece, sustentada pela fé, mesmo quando todas as promessas parecem contraditas pela morte do Filho.

São João Paulo II interpreta esse momento como uma verdadeira kenosis da fé de Maria. Na Carta encíclica *Redemptoris Mater*, o Papa afirma que, aos pés da cruz, Maria vive uma participação singular no sacrifício redentor de Cristo, não acrescentando nada à eficácia da redenção, mas oferecendo seu consentimento materno ao desígnio salvífico de Deus. Trata-se de uma fé que não se apoia em sinais visíveis, mas se abandona totalmente à fidelidade de Deus.

O coração transpassado de Maria revela, assim, a profundidade de sua comunhão com Cristo. A dor não a fecha em si mesma, mas a abre ainda mais à missão. No momento extremo, Jesus confia a ela o discípulo amado e, nele, toda a humanidade. A maternidade de Maria assume então uma dimensão universal, nascida no sofrimento e selada pelo amor oblato.

A Igreja contempla no coração transpassado de Maria um espelho luminoso de sua própria vocação histórica e espiritual. Ao permanecer de pé junto à cruz do Filho, Maria manifesta uma fé que atravessa a provação sem se romper. Seu sofrimento não é fuga nem revolta, mas participação silenciosa no mistério redentor. Desse modo, ela ensina à Igreja que a dor, quando vivida em comunhão com Cristo, não constitui obstáculo à missão, mas pode tornar-se lugar privilegiado de fecundidade espiritual.

A fidelidade cristã, à luz do testemunho de Maria, não se mede apenas pelos momentos de entusiasmo ou de consolação espiritual, mas pela perseverança na noite da fé. Maria não

compreende plenamente o mistério da cruz, mas permanece, confiando na promessa de Deus. Essa atitude revela que a verdadeira obediência da fé subsiste mesmo quando desaparecem as seguranças humanas. O Concílio Vaticano II afirma que Maria avançou “na peregrinação da fé”, mantendo-se unida ao Filho até o extremo do sofrimento.

Ao mesmo tempo, o coração transpassado de Maria é guardião da esperança cristã. Sua dor não se fecha no desespero, mas permanece aberta à ação de Deus, que transforma a morte em vida. A esperança que habita o coração de Maria nasce da certeza pascal de que o amor é mais forte que a morte. Mesmo no silêncio do Sábado Santo, quando tudo parece perdido, Maria representa a Igreja que espera contra toda esperança, sustentada pela fidelidade de Deus às suas promessas.

O coração transpassado de Maria permanece como fonte de consolação e de luz para a Igreja peregrina. Nele, os fiéis encontram não apenas um modelo de resistência espiritual, mas a certeza de que Deus transforma a dor em caminho de vida nova. Aprendendo com Maria, a Igreja compreende que o sofrimento, vivido em comunhão com Cristo, pode tornar-se fecundo, que a fidelidade se prova na cruz e que a esperança cristã nasce da Páscoa e sustenta a missão mesmo nas horas mais obscuras da história.

Após o acontecimento decisivo da anunciação, o Evangelho de Lucas apresenta Maria imediatamente em movimento: “Naqueles dias, Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá” (Lc 1,39). A atitude da Virgem revela que o coração que acolhe Deus jamais se fecha em si mesmo. A experiência da graça gera dinamismo, prontidão e serviço. A pressa de Maria não é ansiedade, mas disponibilidade amorosa, indicando que a fé autêntica se traduz em gestos concretos de caridade e atenção ao outro.

Do ponto de vista teológico, a visitação ultrapassa o simples encontro familiar e assume um profundo significado salvífico. Maria, portadora do Verbo encarnado, torna-se a arca da nova aliança, levando Cristo ao encontro de Isabel e de João Batista ainda no seio materno. Onde Maria chega, o Espírito Santo age: João estremece de alegria e Isabel proclama a bem-aventurança daquela que acreditou na promessa do Senhor. A alegria que brota desse encontro é sinal da presença do Reino, que se manifesta na comunhão, na vida que desperta e na fé compartilhada.

A tradição da Igreja reconhece na visitação um ícone da Igreja missionária. Maria não guarda para si o dom recebido, mas coloca-se a caminho, superando distâncias e dificuldades. Nesse sentido, ela antecipa aquilo que o Papa Francisco descreve como “Igreja em saída”, uma Igreja que abandona a autorreferencialidade e vai ao encontro do outro com ternura e proximidade. O serviço prestado por Maria a Isabel expressa uma fé que se faz cuidado concreto, solidariedade e presença

discreta, especialmente junto aos que mais necessitam. O coração que serve encontra sua expressão mais elevada no cântico do *Magnificat*. Longe de ser um hino intimista, trata-se de uma proclamação profética que revela a consciência de Maria sobre a ação de Deus na história. Reconhecendo que tudo é dom – “O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas” –, Maria proclama a lógica do Reino, onde os humildes são exaltados e os famintos saciados. O serviço mariano nasce, assim, da gratidão e da humildade, virtudes que preservam a missão do risco do protagonismo e ensinam à Igreja que servir é, antes de tudo, deixar Deus agir.

A experiência de Maria, desde a anunciação até sua presença silenciosa nas origens da Igreja, revela um coração profundamente missionário. Seu serviço ultrapassa fronteiras pessoais, sociais e culturais, tornando-se anúncio profético da justiça de Deus na história. No *Magnificat*, Maria proclama um Deus que “derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes, enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias”.

Essa proclamação mostra que a missão cristã não é neutra, mas compromete-se com a transformação da realidade à luz do Reino.

Maria, ao colocar-se a caminho, antecipa a dinâmica missionária da Igreja. Ela não leva a si mesma, mas Cristo, presença viva que gera vida, esperança e alegria. Sua atitude ilumina o chamado da Igreja a sair de seus próprios limites e ir ao encontro das fronteiras da existência humana, compreendidas como os espaços onde a dignidade da pessoa é ferida: pobreza, solidão, sofrimento, violência, exclusão social e vazio espiritual. O Papa Francisco recorda que a Igreja é chamada a assumir o risco da missão, evitando a autorreferencialidade e abrindo-se ao encontro com o outro.

O coração missionário inspirado em Maria caracteriza-se pela humildade, pela escuta e pela proximidade. Ela ensina que evangelizar não é, antes de tudo, conquistar espaços, mas aproximar-se das pessoas, criar vínculos e permitir que o Espírito Santo atue. Sua presença junto aos pequenos e humildes revela uma missão marcada pela ternura, sem perder a firmeza da verdade, pois o amor autêntico não ignora as causas do sofrimento humano nem se omite diante das injustiças.

A espiritualidade mariana contribui para a formação de discípulos missionários capazes de unir paixão e compromisso. O coração de Maria educa para uma fé encarnada, expressa em ações concretas em favor dos mais vulneráveis, em consonância com a tradição bíblica e o ensinamento social da Igreja. Anunciar o Evangelho nas fronteiras da existência humana implica testemunhar a esperança do Reino e colaborar para a promoção da dignidade, da justiça e da vida plena. Maria permanece como modelo e guia da missão da Igreja no mundo contemporâneo, convidando cada cristão a atravessar fronteiras, vencer o medo e levar Cristo a todos



Imagem: A Virgem com o Menino e Santa Catarina de Alexandria, São Juliano, Santa Maria Madalena e Santo Antônio / commons.wikimedia.org

os contextos da vida humana, confiando que Deus realiza maravilhas por meio daqueles que se colocam generosamente a serviço do seu Reino.

Após a ressurreição e a ascensão do Senhor, o livro dos Atos dos Apóstolos apresenta Maria reunida com os discípulos no Cenáculo: “Todos perseveravam unanimemente na oração, com algumas mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus” (At 1,14). A presença de Maria nesse momento fundacional da Igreja não é apenas histórica, mas profundamente simbólica. Ela representa o coração orante da comunidade nascente, aquela que sustenta a unidade, alimenta a esperança e prepara, pela intercessão silenciosa, o dom do Espírito Santo.

No Cenáculo, Maria assume uma função maternal e eclesial. Assim como esteve presente no início da vida terrena de Jesus, agora acompanha o nascimento da Igreja. Sua atitude não é de protagonismo, mas de comunhão: Maria não fala, mas ora; não dirige, mas sustenta; não se impõe, mas reúne. A tradição cristã reconhece nesse gesto a dimensão mais profunda da maternidade espiritual de Maria. Ao proclamar Maria como Mãe da Igreja, o Papa Paulo VI afirmou que ela continua a exercer sua missão materna na vida da comunidade cristã, acompanhando-a com solicitude e intercessão.

A oração perseverante do Cenáculo revela que a missão nasce do silêncio fecundo diante de Deus. O Pentecostes não é fruto de estratégias humanas, mas dom do alto. O Espírito Santo desce sobre uma comunidade reunida, unida e orante, transformando o medo em coragem e a dispersão em comunhão. Maria, que já conhecia a ação do Espírito desde a anunciação, ensina à Igreja a esperar, discernir e acolher o tempo de Deus.

Esse coração orante de Maria permanece atual e necessário. Em um mundo marcado pela pressa, pela fragmentação e pelo individualismo,

o estilo mariano oferece à Igreja um caminho evangélico concreto: escuta em vez de ruído, misericórdia em vez de julgamento, serviço em vez de poder. Trata-se de um modo de viver a fé que privilegia a interioridade, a comunhão e a disponibilidade ao Espírito Santo, por isso, Paulo VI chamou Maria de “Estrela da Evangelização”, reconhecendo nela o modelo daquela que precede e acompanha a missão da Igreja no mundo.

Viver segundo o coração de Maria significa integrar oração e ação, contemplação e compromisso. A fé mariana não é intimista nem evasiva, mas profundamente encarnada. Maria ensina que a verdadeira fecundidade apostólica nasce da união com Deus e se manifesta no serviço humilde aos irmãos. Onde há um coração dividido, a missão enfraquece; onde há um coração unificado em Deus, a vida floresce.

Contemplar o coração de Maria é redescobrir a identidade mais profunda da Igreja. Escuta, comunhão e serviço não são dimensões isoladas, mas formam uma unidade inseparável. A Igreja só será plenamente fiel a Cristo quando aprender a bater no mesmo ritmo do coração da Virgem: um ritmo de amor total a Deus e de entrega generosa à humanidade. Tornar-se o que se contempla é o caminho espiritual que transforma a devoção mariana em força missionária e em fonte permanente de renovação eclesial. ●

***Padre Antonio Carlos Ferreira, cmf**

é Missionário Filho do Imaculado Coração de Maria, claretiano. Mestre em Antropologia Teológica, Teologia Espiritual e Bíblia. Possui pós-graduação em Psicopedagogia e Parapsicologia e doutorado em Psicanálise. Foi professor de Teologia Espiritual no *Studium Theologicum*, em Curitiba (PR). Atua como professor-tutor de Bíblia nas Faculdades Claretianas, em Batatais (SP). Entre 2024 e 2026 é professor de Teologia Espiritual e Bíblia na Faculdade Católica da Arquidiocese de Pouso Alegre (Facapa), em Pouso Alegre (MG).



Imagem: A Virgem Maria com o Menino Jesus a Dormir, pintura na sala de sessões da Casa do Bispo da Venerável Ordem Terceira, no Porto / commons.wikimedia.org